



FAXINFORME

CLIPPING



Área: 3962cm²/ 65%

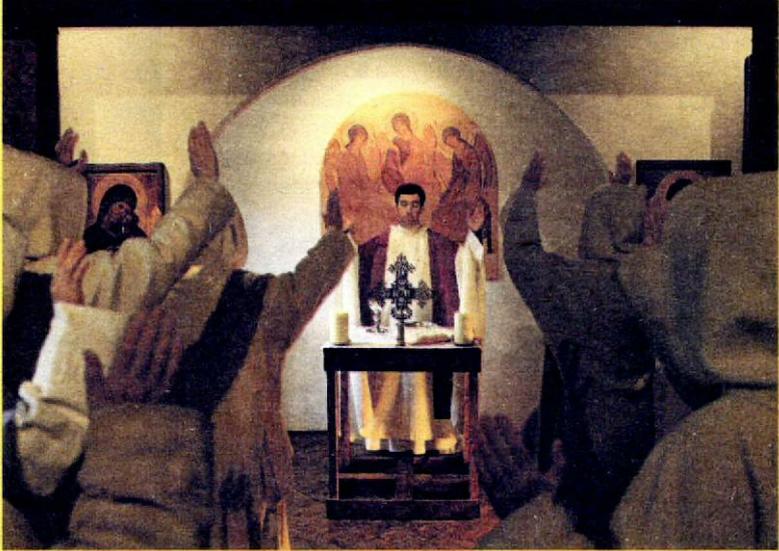
Data: 24.12.2011

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:1;16;17;18;19;20;21



VOCAÇÕES RELIGIOSAS ATRAEM JOVENS EM TEMPOS DE CRISE // PÁGS. 16-21

António Pedro Santos



FAXINFORME

CLIPPING



Área: 3962cm²/ 65%



Data: 24.12.2011

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:1;16;17;18;19;20;21



Zoom // Profissões de fé

Tinham uma vida cosmopolita. Uns estudavam, outros já tinham um emprego estável. Eles e elas namoravam. Deixaram tudo para trás para se dedicar à vida religiosa

TEXTOS *Isabel Tavares*

FOTOGRAFIA *António Pedro Santos*



FAXINFORME

CLIPPING



Área: 3962cm²/ 65%

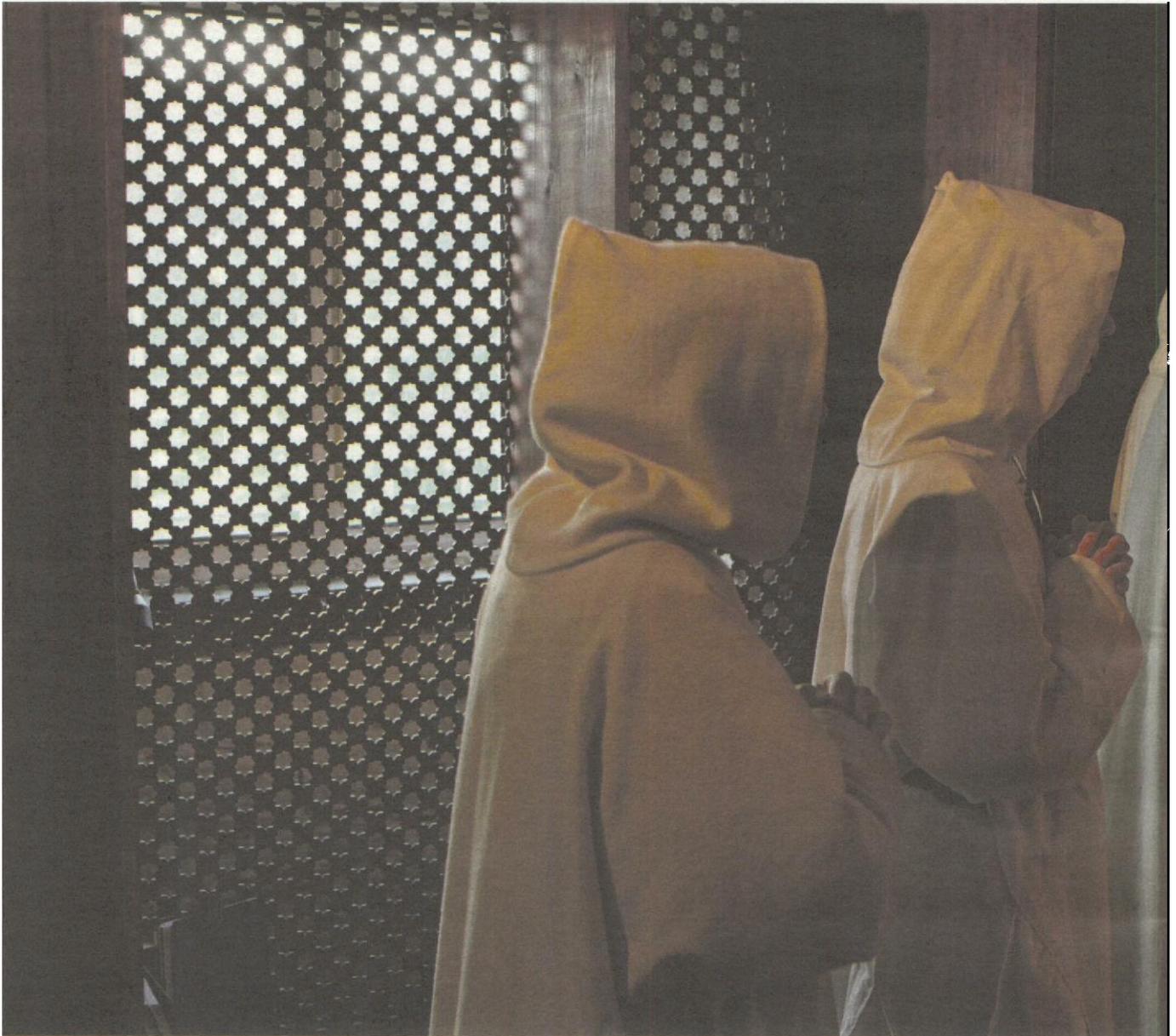
Data: 24.12.2011

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:1;16;17;18;19;20;21



Vocações Um curso com saída profissional

Padres, precisam-se. Os seminários e conventos estão envelhecidos mas há gente nova a dar-lhes vida



ISABEL TAVARES (Texto)

isabel.tavares@ionline.pt

ANTÓNIO PEDRO SANTOS (Fotografia)

antonio.pedrosantos@ionline.pt

A licenciatura em Teologia é dos cursos que tem maior saída profissional. A frase é de Peter Stilwell, professor associado da Faculdade de Teologia e vice-reitor da Universidade Católica Portuguesa (UCP). “Precisamos de mão-de-obra e, se houver candidatos com vocação, o que não falta são postos de trabalho”, diz.

Em Portugal vive-se uma crise de vocações e os números comprovam esta realidade. O défice deve-se, em parte, a questões demográficas. O tempo não pára nos mosteiros, conventos e seminários e a população está envelhecida. “Metade dos padres tem 60 ou mais anos de idade e está a caminhar para a reforma”, afirma Peter Stilwell.

A baixa taxa de natalidade também não ajuda. “É fácil compreender que uma família com um filho único terá grande dificuldade em abrir horizontes vocacionais a esse filho ou filha”, explica o padre Manuel Morujão, secretário da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP).

Por outro lado, as próprias famílias estão em crise, “uma crise de valores, de laços afectivos, de capacidade educativa”, que contribui para a falta de vocações.

Mas a crise não afecta todas as congregações por igual. Dos mais de 100 institutos de vida consagrada, femininos e masculinos, existentes em Portugal, alguns não têm novas vocações há 25 anos, outros estão mesmo a fechar. Mas há também aqueles que estão a crescer, como os Missionários Passionistas, que este ano receberam 11 vocações, as Carmelitas ou os Jesuítas, entre outros. Os dados oficiais disponíveis são atrasados mas, da metade dos institutos contactados pelo *i*, boa parte recebeu este ano pelo menos um ou dois candidatos.

A maioria dos que se apresentam vêm de um contexto urbano, são gente esclarecida e interessada, habituada a reflectir sobre si e sobre o mundo, concorda Peter Stilwell.

O perfil traçado pelo secretário da CEP é o “do idealista com uma boa dose de realismo; o sonhador de um mundo melhor, mas que não larga os pés na ter-

ra; o que não se conforma com o mundo como está, mas, em vez de revolta,

A Igreja não esquece que este não é mais o tempo de Gutemberg, mas o de Zuckerberg, e aposta no digital

“Está a aumentar a procura do religioso, o que mostra inquietação. Mas muitos voltam-se para sub-produtos”

luta com a utopia da esperança; o que sente o coração inquieto e arrisca a seguir a santa inquietação que Deus pôs no seu coração... Vem-me à memória o caso de diversos jovens que se têm decidido pela vida sacerdotal na Companhia de Jesus. Fizeram uma experiência de serviço social, de aproximação dos pobres e necessitados e verificaram que essa experiência lhes mudou o rumo de vida...”

O *i* quis falar com o responsável do Patriarcado pelo Secretariado Nacional das Vocações, mas não foi possível. O padre à frente desta tarefa já não está em funções e ainda não houve nova nomeação. Não há, por isso, dados estatísticos sobre o tipo de pessoa que procura a vida consagrada, o número de homens e mulheres, a percentagem de entradas e desistências. Mas os mais de 15 testemunhos recolhidos pelo *i* enquadraram-se no cenário apresentado pelas diversas congregações contactadas.

A exigência não é igual para todas as Ordens e há muitos factores que pesam na escolha dos candidatos: a história, a obra, a forma de vida...

Hoje, a Igreja é também mais escrutinada pela sociedade. Poderá ter adormecido, estar demasiado conotada com pedofilia, riqueza e outros vícios contra os quais prega? “Não se deixem levar pelo barulho”, afirma Peter Stilwell. “A procura do religioso está a aumentar, especialmente os sub-produtos, como a meditação, o reiki e outros, que não deixam de ser uma resposta à inquietação espiritual, que as pessoas não querem procurar no institucional”, considera o

vice-reitor da UCP. Stilwell fala na necessidade de uma certa bipolaridade. “ouvir para além do que se está a dizer.”

“A Igreja não é uma invenção humana. É de Jesus Cristo, seu fundador. Temos certamente que ir actualizando o modo de ser e viver em Igreja, mas na fidelidade de Cristo. A Igreja, nestes dois mil anos de história, tem visto que para manter a fidelidade a Cristo deve reservar o sacerdócio aos homens que para tal foram chamados. O sacerdócio não é uma promoção social, é um serviço eclesial na multiplicidade de muitos outros não menos dignos”, acrescenta o padre Morujão sobre este assunto.

Para todos os rapazes e raparigas, homens e mulheres, contactados pelo *i*, a vocação foi um caminho, quase sempre nada linear. E todos foram aconselhados a acabar os seus cursos, a reflectir. Peter Stilwell explica que “é preciso não ter pruridos e deixar que o espírito nos conduza. Tem que haver discernimento.” De facto, nenhuma decisão é irreversível mas, tal como no casamento - e mais de 50% acaba em divórcio, como lembra Frei José Nunes -, é bom que a decisão seja uma certeza na altura em que é tomada.

Manuel Morujão acredita que “o sacerdócio ou a vida consagrada são sobretudo um dom de Deus. Claro que a Igreja deve procurar que os jovens ouçam o chamamento de Deus, usando os meios mais adaptados: leituras, retiros, acompanhamento personalizado, iniciativas de animação juvenil e, claro está, as plataformas digitais, já que não estamos a falar para jovens do tempo de Gutemberg, mas desta geração que vive no mundo das comunicações digitais, virtuais.” Afinal, este é o tempo de Mark Zuckerberg.

Sobre o chamamento e a forma como a Igreja atrai ou não a sociedade, Peter Stilwell lembra o cardeal Cerejeira, “que enchia missas”. E diz que talvez devesse existir mais “marketing” em torno destas opções.

O secretário da CEP lembra que “esta é a hora de dinamizar os leigos para que assumam um papel mais activo e interveniente. A Igreja não é monopólio dos padres e bispos.”



02

Números

88%

da população portuguesa é católica, dizem as estatísticas do INE

1,93

milhões de pessoas vão à missa em Portugal, segundo a Conferência Episcopal

23%

foi o aumento do número de pré-seminaristas nas dioceses nacionais em 2011

500

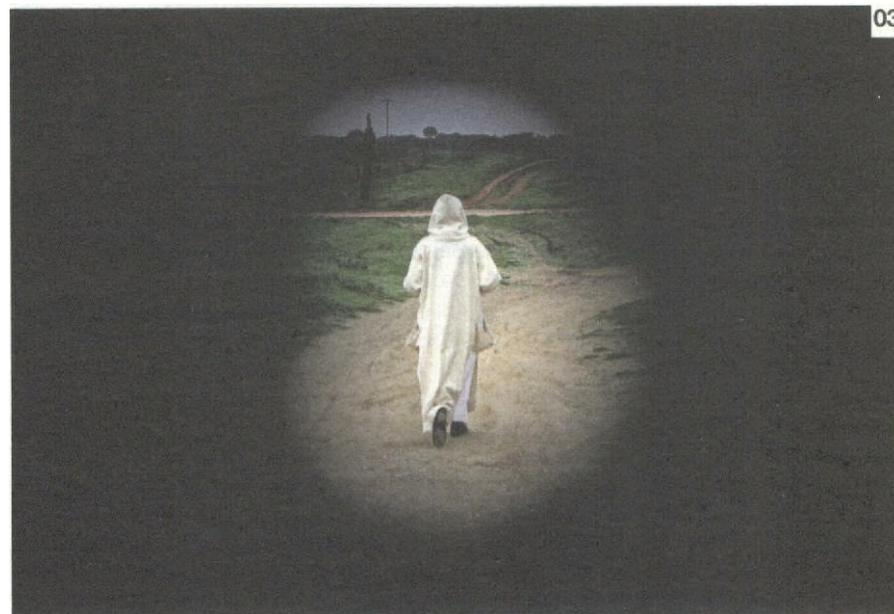
é o número de pré-seminaristas a frequentar os 25 seminários diocesanos

411

seminaristas estão actualmente em regime de internato em seminários

36

ordenações de sacerdotes em 2008, dados da Conferência Episcopal Portuguesa



03

01 As monjas de Belém a caminho da celebração das oito da manhã

02 O silêncio é de ouro. Mas outra placa avisa para tocar o sino ou, em desespero, a buzina

03 O mosteiro das monjas de Belém fica em Sesimbra, mas em breve se mudarão



P&R

Frei José Nunes
Ordem dos Dominicanos

Prof. Faculdade de Teologia



“Os alunos questionam mas em altura de exames a capela enche”

Há uma crise de vocações?

Porquê? Há menos vocações, de facto. Os motivos são mais de mil e davam para fazer uma tese. Mas, desde logo, há menos nascimentos, menos filhos.

E não querem perder o filho

único? É. Fazem o possível por não lhes abrir os horizontes nesse sentido.

Mas há também aqueles que fazem a experiência e desistem... É o chamado turismo religioso. Como existe um fenómeno interessantíssimo de voluntariado missionário. A vida toda é que não... Hoje, a gente faz de paixonetas experiência, há a cultura do momento.

Tem que ser para sempre? Não, mas por isso há o período de discernimento. Quando nos comprometemos é para a vida, até à morte.

A Igreja modernizou-se? É tão verdade que a Igreja, em algumas questões, não se adaptou, como é verdade que a maior parte das instituições que continuam a ter vocações são as que menos se adaptaram ao mundo.

Sexo, cigarros, bebida. Como é viver sem vícios? Vive-se bem,

falo por mim (risos). Viver com os votos da obediência, do celibato e da pobreza é óptimo e libertador. Os homens e mulheres casados também têm desejos, como é que fazem? Ninguém deve ser dependente de nada. Mas não é pecado beber um copo, pecado é não o fazer.

Por que é que existe um exorcista por cada diocese? Os padres exorcistas são indicados pelo bispo e são pessoas que deram mostras de capacidade para lidar com distúrbios psíquicos. Sou muito pragmático e o que acho é que as pessoas têm de ser felizes. Se alguém acredita que é através do exorcismo (e não estamos a falar de coisas esquisitas) que vai libertar-se, que vai apaziguar-se... O que não se deve é substituir a ciência nesta matéria, mas a mente é uma coisa complexa.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

São rapazes e raparigas dos 18 aos 35 anos. Com licenciatura ou a frequentar um curso superior, namoros firmados, empregos estáveis. Gente cosmopolita, nem sempre de famílias católicas e praticantes, que decidiu deixar tudo para se dedicar à vida consagrada. Ao *i*, testemunham o “chamamento”, desmistificam o sexo e falam de felicidade

ISABEL TAVARES isabel.tavares@ionline.pt



FAXINFORME

CLIPPING



Área: 3962cm²/ 65%



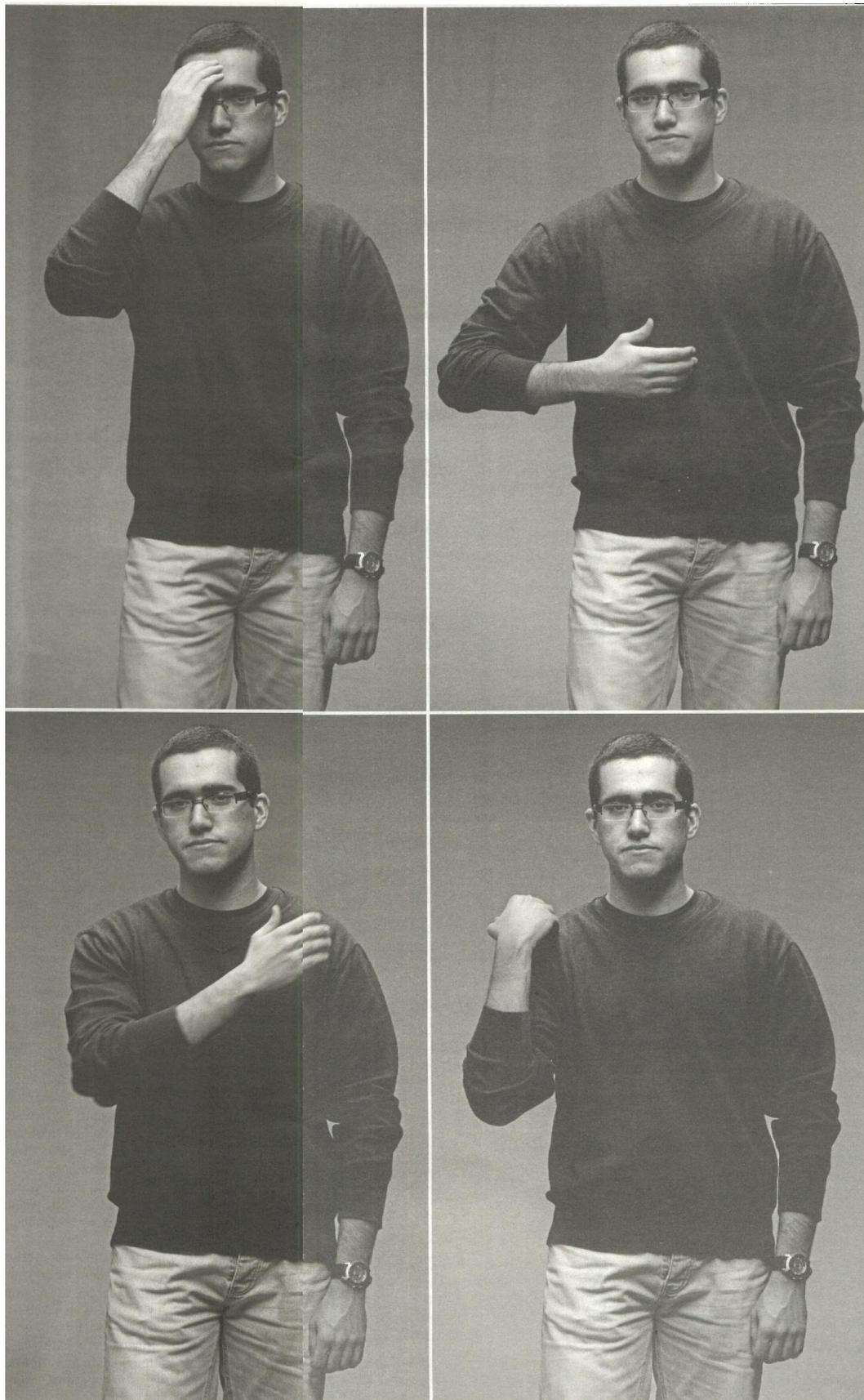
Data: 24.12.2011

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:1;16;17;18;19;20;21



André Ferreira descobriu os Dominicanos pela Internet, mas a sua vocação está longe de ser virtual

ANTÓNIO PEDRO SANTOS



André Ferreira

20 ANOS

Aluno do ISCTE, curso de Finanças e Contabilidade. Os pais não eram, e não são, católicos praticantes. “O membro da família mais assíduo na missa sempre fui eu”, assume. Não fala como a maioria dos rapazes da sua idade. Pergunto-lhe sobre as inquietações da sua geração e responde que “a inquietude não é hoje tão bem reflectida como noutras gerações, embora existam anseios. É tudo tão efêmero, tão veloz, que o futuro num instante já é passado. Passamos pelo tempo sem nos darmos conta de quem somos, talvez reflexo da sociedade actual...” Chegou aos Dominicanos “pela Internet”, outro sinal dos tempos. Numa pesquisa online, acabou no site da Ordem, descobriu a sua história e identificou-se com a filosofia de vida: pregação, estudo (compreensão) e vida comum (partilha). “Havia uma aproximação entre mim e a Ordem”. Ainda não é seminarista, está em processo de discernimento desde Outubro. Mas diz que a sua inclinação não lhe deixa muitas dúvidas. Claro, “há condicionantes que vão determinar tudo, mas é um processo calmo.” E que não começou há dois meses. Foi no final do 12.º ano que começou a colocar a hipótese a sério. Os pais aceitaram a escolha e os dois sobrinhos, filhos da irmã mais velha, libertaram-no do peso de ter que assegurar a continuidade do clã.

Luís Palha

22 ANOS

Ex-forçado de Vila Franca de Xira. “Fora das beatices, vivia no mundo dos touros e dos cavalos, dos copos e maluquice”. Licenciado pelo Instituto Superior de Agronomia. “Quis desistir várias vezes, mas fui sempre aconselhado a acabar, primeiro o curso, depois o mestrado.” Namorado. “Tive três namoros mais sérios” e mais outros a brincar. Quando era a sério, eram uma certeza, “via a hipótese de casamento”. Os namoros nunca acabaram por causa da vocação, “acabaram pelas razões

por que acabam os namoros.” A turbulência maior foi com “a última”, Rosarinho, de quem é grande amigo. “Sentia as minhas entranhas a remoer o assunto, andava refilão, rabujento. Eu não estava bem.” Tinha então 21 anos - faz 23 depois de amanhã e é noviço em Coimbra, na Companhia de Jesus, depois de um ano de reflexão espiritual, em Lisboa. Quer ser padre - os jesuítas podem ser padres ou irmãos. Diz que é a diferença entre ser apóstolo ou ser discípulo. O percurso não foi linear, mas na sua cabeça tudo faz sentido. Sobre os votos, obediência, pobreza e castidade, diz que é preciso ser-se verdadeiro, em primeiro lugar, consigo próprio. “Não somos [jesuítas] radicais. A pobreza deve ser uma coisa espiritual. Não temos privações materiais, mas os motivos para ter têm de ser os certos. Vivemos na lógica da partilha, nada é para mim.” Sobre sexo, ou a falta dele, diz que “tenho todos os desejos e vontades de que fala, sou um rapaz de muitas paixões. Até é muito engraçado, porque aqui dentro, quando olho para uma rapariga acho-a linda, sinto que fico apaixonado.” Sabe que há congregações onde para se entrar tem de se ser virgem, “faço juízo às imposições, mas não julgo quem as segue.” Acredita que é a escolha que faz crescer. Como será, dentro de 20 anos, o padre Luís Palha? “Gostava que olhassem para mim e vissem um Deus ao meu lado... Que dança, que é forçado, que faz rir.”

Tânia

31 ANOS

Artista plástica. Tinha uma vida estável: um namoro sério, professora do quadro, leccionava no Porto. Sempre se questionou sobre a profissão que escolheu: “Para quê criar mais objectos, quais os limites da arte, em que é que ajuda a tornar o mundo melhor... Talvez o meu lugar não fosse ser artista por ser artista, talvez a arte estivesse ligada à espiritualidade.” Ainda são alguns, os ‘talvez’. “Tenho a certeza que quero estar ligada a Deus! Só não sei onde encaixo, se na vida contemplativa, se numa vida mais missionária.” Está a fazer uma experiência com as monjas de Belém, no mosteiro em Sesimbra.

“Quando estou com as irmãs sinto sempre o bichinho da vocação religiosa.”

Sobre o namorado, conta que “houve muita sinceridade desde o início, abertura e crescimento.” Na altura, ponderou “se devia ou não iniciar namoro” e explicou as suas razões. Mas isso não tornou o assunto mais fácil. “Lembrava-me sempre da frase ‘não poder servir dois senhores ao mesmo tempo’. Estivemos juntos numa missão, em Itália, e foi aí que percebi a importância de não casar, de não ter filhos. É preciso haver muita entrega e repartir é difícil.” Conta que “enquanto vivi com os meus pais vivi a fé deles. Depois, questioneei a Igreja, fui beber a muitas fontes. Descobri que é na religião católica, cristã, que me sinto bem.”

Duarte Rosado

26 ANOS

Era estudante de Psicologia quando se juntou à Companhia de Jesus. Hoje está num bairro do Pragal a fazer acção social [magistério] - nesta Ordem são dois anos de noviciado, três de Filosofia, dois de magistério e cinco de Teologia. Ainda tem um longo caminho até ser ordenado padre, mas a sua convicção é reforçada todos os dias. Entrou para os Jesuítas num grupo de 16 rapazes. Era o cassula. O que o levou até ali? “Estava num campo de férias espiritualmente forte, já no último dia, os outros estavam a almoçar e, de repente, vindo do nada, aconteceu! Nem eu compreendi muito bem o que me tinha acontecido. É uma coisa que não parte de mim, um chamamento.” A primeira pessoa a quem contou foi à mãe, “mas ela queimou-me logo. À mesa, comunicou a todos [pai e três irmãos]: o Duarte tem algo para vos dizer...” Já suspeitavam. Diz que o que mais custou foi a saudade, a rotina. “Já chorei de alegria, de consolação e de tristeza.” Que choros são esses? “O choro da consolação é do aumento da fé, tudo transborda. O que mais custa é o choro da tristeza, do vazio.” Deixou tudo: “roupa e mesada de 100 euros para tabaco, gasolina e telemóvel.” Dois grandes amigos levaram a mal a decisão: “Vais estragar a tua vida”. Um discurso



duro, que não esquece. Tinha uma banda de rock “género Ben Harper, Jack Johnson e um estilo próprio.” Chegou a gravar um CD como presente de anos e estreou ao vivo em 2005. E tinha namoradas. O mais difícil foi lidar com a solidão, o medo do abandono, do esquecimento. E a castidade. O que fazer quando as hormonas estão aos saltos? “Tem que haver um bocado de disciplina e de Graça.”

Maria do Carmo

28 ANOS

Estudou Línguas Modernas, na Faculdade de Letras do Porto. Sente-se cada vez mais confirmada. Está em

Madrid. Demorará entre seis a nove anos até fazer os votos perpétuos. Viveu no seio de uma família católica não praticante. Tem dois irmãos. “As minhas dores eram não conseguir explicar à minha família, com quem tinha uma relação fortíssima, o que se passava.” Frequentou a catequese e fez a primeira comunhão, “mas afastei-me da Igreja muito tempo.” No terceiro ano do curso foi para Paris, através do programa Erasmos. Ficou instalada numa residência da Opus Dei. Ficou para sempre com “a imagem de ter visto pessoas coerentes, inteiras, a procurar viver o que pensavam. Eram livres.” E foi este desprendimento que a cativou. “Percebi que não conseguia viver isso

na minha vida afectiva, no casamento, com filhos. Eu não era verdadeira, coerente, livre... E nunca antes me tinha passado isso pela cabeça. É um processo de sedução, meio mágico, meio humano.” Dos namorados, diz que “gosta mais deles agora do que antes.” Para Maria do Carmo o importante foi “deixar-me empapar” com tudo aquilo. Percebeu depois que a sua vida não passaria mais pela Opus Dei, mas seguir Jesus era um destino cada vez mais claro. “Passei muito tempo na procura.” Nunca se sentiu condicionada e decidiu “deixar que o meu desejo mais profundo dançasse com Deus.”